

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Baptista Torres

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 402	Assignaturas	PUBLICA-SE AOS DOMINGOS	Publicações	8.º Anno
	AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO		No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS	

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

A questão dos estudantes é grave, e tão mal andaram n'ella os professores como o governo. Professores e governo querem levar a questão para o campo da disciplina social. Ora não ha duvida que tudo isto anda n'uma anarchia brava. Mas tambem não ha duvida que não é a chicotadas que se restabelece a disciplina social. Não se póde oppôr a anarchia do governo á anarchia das ruas. Começa porque não presidiu nenhum espirito de justiça ao julgamento dos estudantes. Não se comprehende que só sete estudantes se houvessem tornado merecedores de tão severo castigo. Ficou mal impressionado o espirito publico com a circumstancia de serem republicanos todos os estudantes expulsos, o que dá, desde logo, impressão de vingança. E confirma-se que os sete estudantes foram, afinal, os que menos arruaça fizeram.

Isto é grave. Queriam manter o prestigio do professorado? Queriam avigorar, por um exemplo severo, a chamada disciplina academica? Fossem equitativos e escrupulosos. Não era escolher victimas ao acaso.

Depois, não bastava. Tornava-se indispensavel que no mesmo dia em que os rapazes fossem expulsos se apresentasse na camara a reforma da Universidade.

Nada d'isso se fez.

O melhor teria sido não expulsar ninguém. Teria sido aceitar o argumento empregado pelos estudantes de que a sua opposição não era á pessoa dos lentes mas ao velho espirito universitario. Não ficava mal aos professores, nem ao governo, fechar os olhos a uma expansão de momento, e remover as causas do mal para que as mesmas causas não tornassem a produzir os mesmos effeitos. Mas se não queriam, se achavam melhor, guiados pelos principios da repressão conservadora, castigar os rapazes, que o fizessem com egualdade, com equidade, e que não se limitassem a isso. Não se cala a consciencia publica só com bordoadas. Dada a satisfação á decantada disciplina academica era forçoso dá-la tambem ás reclamações dos alumnos n'aquillo que ellas tinham de justo. Sendo certo, de mais a mais, que todo o elemento pensante do paiz apoiava essas reclamações na sua base fundamental, que era a reforma da Universidade.

Nada d'isso fez, nada d'isso quiz ver o governo. Só quiz ver

em tudo uma pavorosa, uma questão d'ordem publica. Não o era. Enganou-se. E' sincero o partido republicano quando afirma que foi extranho ao conflicto travado sobre a reprovação do sr. José Eugenio Ferreira. Foi extranho a isso. Se mais tarde entrou no movimento foi pela sua natural tendencia a entrar, aliás justificadamente, em todos os movimentos de protesto. Mas mesmo como questão d'ordem publica, mesmo como pavorosa, o melhor meio de a resolver não era o que o governo está pondo em pratica.

Tudo com desastre. E como nós previmos com nitidez tudo quanto succede, desde que o actual governo subiu ao poder! Aqui dissémos que só os primeiros passos do governo seriam em sentido liberal. Mas aqui aconselhámos tambem os republicanos a que não se apressassem a empurrá-lo para o caminho do despotismo. Que o deixassem a elle ir para lá, muito *expontaneamente*. Que, se alguma coisa deviam fazer, era auxiliar o governo nos seus decantados propositos de *experencia liberal*.

Não quizeram. O governo teve pressa em regressar ao despotismo. Os republicanos tiveram pressa em o empurrar. E, agora... esperaremos a acção do tempo, que é o unico recurso.

Assim andamos ha dezeseite annos. Sem vermos esperança d'isto acabar.

Transcripções

Sob o titulo *O julgamento do capitão Homem Christo*, publicava na quarta-feira ultima *O Paiz*:

«Realisa-se amanhã, como se sabe, o julgamento do capitão Homem Christo. E ao que se lê n'alguns jornaes, a accusação funda-se em que o referido official não usou dos meios de que podia dispôr para se desaffrontar, nem requereu para ser julgado pelo Conselho Superior de Disciplina do Exercito nos termos do n.º 3 do art. 97.º do Regulamento Disciplinar.

Acrescenta a accusação que as pessoas a quem foi entregue a solução da pendencia não consideraram injustas as accusações dirigidas ao capitão Homem Christo, nem tomaram em consideração o brio e o decôro militar d'este official, não havendo nenhum acto publico que demonstre ter o signatario da carta offensiva para o capitão Homem Christo deixado de manter as accusações ou expressões que lhe dirigiu.

Ora analysemos todos estes pontos, que nada mais se contém na accusação, segundo as informações que colhemos em boa origem.

Quem conhece os estudos sociais feitos pelo capitão Homem Christo, quer no jornal, quer no livro, sabe que elle defende a arbitragem ha muitos annos, como unico meio racional e humano de

resolver conflictos, tanto entre as nações como entre os individuos. Considerava o capitão Homem Christo difficil, no estado actual da civilisação, impôr e fazer aceitar desde já a arbitragem entre as nações e, por isso, aconselhando e fazendo a mais intensa propaganda pacifista, advogava a criação d'um exercito democratico capaz de fazer face ás peores eventualidades. D'um exercito democratico, verdadeiramente nacional, em harmonia com o periodo d'evolução que atravessamos, d'onde fosse banida toda a rotina, toda a velharia, todo o feroz e estúpido preconceito militarista, que em vez de fazer a força dos exercitos os conduz a Sédan, a Santhiago de Cuba, a Mukden e Tsushima.

Mas se considerava difficil a arbitragem, desde já, entre as nações, embora se tenha caminhado muito n'esse sentido, considerava-a facilmente n'um paiz onde o duello não tem, nunca teve, nem terá raizes. Raizes, fundas raizes, tinha as elle na Inglaterra, onde os duellos de morte se succediam d'uma maneira horrorosa, como em nenhum outro paiz do mundo, e a Inglaterra poz-lhe cobro d'um momento para o outro.

Nunca mais houve um duello n'aquelle grande paiz, que o não julgou necessario para coisa nenhuma, nem mesmo para manter o brio, o decôro militar, a dignidade da profissão das armas. O official do exercito inglez, como o do exercito japonês, bate-se admiravelmente em defeza da sua patria, e nem um nem outro precisaram, para isso, do tirocinio do duello.

O capitão Homem Christo, pois, combatia o duello, como um recurso estupidamente aristocratico, resto das velhas cavallarias da idade média, contrario á razão, ao direito moderno, aos bons principios, desnecessario como lição ou estimulo de coragem, e ridiculo em Portugal, além de tudo. E se combatia o duello, combatia todo e qualquer recurso violento. Homem de principios sériamente para esse fim, ou na sua penna, enquanto os tribunaes não dessem essas garantias, delegaria a defeza da sua dignidade.

Sendo assim, percebe-se muito bem que só por transigencia com a ferocidade e estupidez do preconceito militarista o capitão Homem Christo vinha a Lisboa liquidar o seu conflicto por processos violentos. Sacrificava ao espirito militar os seus principios. Depois d'isto não chega a ter graça o que se está passando?

Veio e, segundo as suas declarações, foram os proprios agentes do governo que lhe impediram o encontro. D'ahi resultou, note se bem, tudo o mais de que o accusam, porque, dado esse encontro, ficariam liquidadas todas as suas responsabilidades com o espirito militarista. Foi mais longe, porém, o capitão Homem Christo. Aceitou o duello. Nunca recusou bater-se. Como elle proprio declarou, commetteu essa fraqueza. Aos pensadores, aos philosophos, aos democraticas, compete censural-o. A mais ninguém. Pois é o ministro da guerra, membro do governo que he impediu o desforço, quem o censura e accusa de não ter usado dos meios de que podia dispôr para se desaffrontar.

Odioso e ridiculo.

Que não foram consideradas injustas as accusações dirigidas ao capitão Homem Christo, nem tomado em consideração o seu brio e decôro militar. Ora a unica accusação de facto, a unica, dirigida ao capitão Homem Christo, foi a de que elle era traidor, agente do governo, vendido á monarchia. Era o directorio do partido republicano a unica entidade com força moral para julgar d'essa accusação. D'ella o absolve inteiramente, e para isso não seria preciso mais do que admitti-lo, pela fórma porque o fez, a julgamento. D'ella o absolve o sr. dr. Manuel d'Arriaga, antigo collega do sr. Homem Christo, e em momentos gravissimos, no directorio do partido. D'ella o absolve o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, presidente da commissão municipal republicana de Lisboa. E é a zeladora monarchia quem, pela bocca do sr. ministro da guerra, apparece agora indignada porque não foram consideradas injustas as accusações dirigidas ao capitão Homem Christo!

Odioso. Mas, ao mesmo tempo, altamente ridiculo.

Quanto a não ter sido tomado em consideração o brio e decôro militar do capitão Homem Christo, basta lembrar a conclusão segunda da sentença do directorio, que era esta: «Que está fóra do campo a qualidade de militar do sr. Homem Christo, que não podia ser visada pelo sr. dr. Affonso Costa.»

Que resta, pois? Resta a allegação de que não houve nenhum acto publico que demonstrasse ter o signatario da carta offensiva para o capitão Homem Christo deixando de manter as expressões ou accusações que lhe dirigiu.

Nem o podia haver.

Não acceitaram a sentença d'esse tribunal os mais directamente interessados? Não declarara a sentença *insubsistente* todos os excessos de linguagem, não devendo ficar constituindo *agravo para o caracter de qualquer dos contendores*?

Que mais era preciso?

Sempre o odioso, sempre o ridiculo, em tudo isto!

Quanto a não ter o capitão Homem Christo requerido a convocação do conselho superior de disciplina do exercito diremos que só o podia fazer depois da manifestação d'alguns dos officiaes de infantaria 23. Só então. Diz o art. 97 do Regulamento Disciplinar:

«O conselho superior de disciplina do exercito só reune por ordem do ministro da guerra, e tem por attribuições:

1.º Dar o seu parecer sobre a capacidade moral dos officiaes do exercito, para o exercicio das suas funções militares.

2.º Julgar os officiaes do exercito, por algum dos motivos indicados no art. 103 d'este regulamento.

3.º Julgar os referidos officiaes quando o requererem e lhes seja concedido pelo ministro da guerra, no intuito de illibarem a sua honra posta em duvida, em questão que não houvesse sido assumpto de sentença judicial na decisão disciplinar.»

Ora só depois do capitão Homem Christo ter chegado a Coimbra a sua honra foi posta em duvida, sob o ponto de vista do criterio militarista, por alguns officiaes de infantaria 23.

E, apesar do capitão Homem Christo não reconhecer justiça no procedimento d'esses officiaes, requeria a convocação do conselho de disciplina, se lhe dessem tempo para isso. Mas se não lh'o deram?

Antes d'isso era tolíçe. Nunca ninguém requereu um conselho de disciplina—não é esse o espirito da lei—em cima d'um artigo de polemica jornalística. O proprio ministro da guerra o reconhece quando, ao accusar o capitão Homem Christo, escreve, ao que nos consta: «E nem mesmo requereu para ser julgado pelo conselho superior de disciplina do exercito.»

E nem mesmo. Quer dizer: isso deveria ser a ultima coisa. Pois era. Deixassem o capitão Homem Christo proceder e nada seria preciso. Dessem-lhe, ao menos, tempo para requerer no fim o conselho de disciplina e tel-o-ia requerido. A sua honra, antes d'isso, só estava posta em duvida como *traidor ao partido republicano*. Era ao partido republicano, e não ao ministro da guerra da monarchia, que competia julgar o. Ao ministro da guerra só competeria, se o entendessem, proceder contra elle por ostentar tão publicamente a sua qualidade republicana. Mas esse caso está fóra, inteiramente, da alçada do conselho superior de disciplina do exercito.

Portanto, fica provado que se o conselho de disciplina condemnar o capitão Homem Christo, seja a que pena fór, commetteu uma iniquidade. Pôr fóra do exercito—e o capitão Homem Christo, sabemol-o, não continuará no exercito, ou pelo menos em serviço activo, por menor que seja a pena que por motivo infamante lhe applicarem—pôr fóra do exercito um official com as qualidades intellectuaes e moraes do capitão Homem Christo, com as mais brilhantes informações annuaes, cheio de louvores; pôl-o fóra n'este paiz onde se commettem a toda a hora as maiores covardias civicas, onde, durante um seculo, só cahiu morto um homem no chamado campo da honra, sendo tudo quanto ha de mais ridiculo é, ao mesmo tempo, um dos maiores attentados commettidos n'este paiz caricato, de tyrannia sim, mas, tambem, de incongruencia e asneira.»

O METHODO JOAO DE DEUS

E AS

ESCOLAS MOVEIS

Disse no setimo artigo aqui publicado que este breve estudo teria melhor cabimento na revista «A Instrução do Povo». Mas pensando melhor—entendo que no logar aonde comecei—devo acabar o trabalho.

No ultimo artigo—analysando o numero de analphabetos accusado pelo censo da população de 1900—apenas me occupei, summariamente, dos districtos de Aveiro ao de Santarem. Não sendo justa a omissão dos restantes districtos—d'elles vou tratar.

Districto de Vianna do Castello, conselho de Monção, freguezia de Lordello. Em 122 habitantes do sexo masculino 86,8 % são analphabetos. No sexo femenino, 139 almas—todas analphabetas. Neste conselho ha 3 freguezias aonde nenhuma mulher sabe ler; e em 5 freguezias, em cada uma—só uma; e n'outra freguezia—só duas sabem ler. Dos concelhos dos Arcos, Caminha, Melgaço, Paredes,

UM SANTO

Como dissemos no ultimo numero, escreveram-nos do Porto a communicar-nos que o sr. dr. Bernardino Machado, que fora aquella cidade assistir ao julgamento de Guerra Junqueiro, andara por lá em furia accesa contra nós. Mas porquê? «Por você ter dicto, acrescentam, que a santa creatura recorrea aos auxilios do governo para lhe atar as mãos a você, e por você ter dicto que elle se compromettera a mostrar a sentença do directorio ao ministro da guerra, ou a expôr fielmente, pelo menos, a este membro do governo, os termos d'aquella sentença. Bernardino não nega esses factos. Mas não admite que você os esteja revelando. Queria-o calado e resignado.»

Estupendo! Verdaderamente estupendo! Estamos em face de um maniaco, com a allucinação da omnisciencia e da omnipotencia, ou em face d'um perverso?

Este nosso caso impõe esta duvida. E não a impõe só a nós. Impõe-a a toda a gente. Toda a gente está admirada, sem saber bem o que a respeito de Bernardino Machado ha de pensar.

Nunca tratámos mal Bernardino Machado, como se sabe. Mas nunca, também, quizemos fazer parte da sua *claque*. Conduzimo-nos com elle como recomendavamos a todos os outros republicanos que se conduzissem. Sempre dissemos: «Não o repillam, que isso é de pessimo effeito entre aquelles que sem serem abertamente republicanos encaram com sympathia o movimento democratico, e mesmo entre os elementos conservadores, que não são um valor nullo ou desprezível para que a sua opinião nos seja inteiramente indifferente. Mas não se deixem, contudo, absorver por elle.»

Este era o nosso conselho e esta era a nossa attitud. Bernardino não gostava. Bernardino murmurava. Bernardino queixava-se. Nós bem o sabiamos. Convencido da sua omnisciencia e da sua omnipotencia julga bem feito e bem pensado tudo quanto elle faz e tudo quanto elle pensa. Não admite a menor discordancia. Mas como não nos dizia nada, fingindo não perceber, nós nada diziamos, fingindo a mesma ignorancia e despreocupação que elle fingia.

E porque não nos dizia nada Bernardino Machado? Porque não rompia, sendo tão auctoritario? Porque tinha, até, na apparencia, amabilidades para conosco? Porque nunca perdia a esperança de, por qualquer processo, nos attrahir e submeter. São muitos e variados os processos de captação. Um d'elles são as *boas palavras*, as *gentilezas*, as *amabilidades*, quasi sempre de effeito seguro sobre aquelles que não se rendem com um emprego, umas duzias de libras, um cesto de gallos, um garrafão de vinho ou uma perna de presunto.

Nós, um bruto, um ingrato, tinhamos a pouca vergonha de resistir a tudo. E Bernardino desesperava. Oh, se desesperava! Em Portugal não se comprehende, não se admite, a independencia de opiniões, a liberdade de critica. Não se tolera a ninguem esse atrevimento, essa audacia. Se alguém persiste n'esse proposito de dignidade, commette, já o dissemos, o unico crime que se não perdoa n'esta terra.

Fala-se, também já o dissemos, nos nossos processos, nos nossos azedumes, nas nossas injurias. Quaes processos, quaes azedumes, quaes injurias, qual diabo! Quantas testemunhas nos teem mandado a casa? Quantas vezes nos teem procurado na rua para nos bater? Quantos, dos chefes republicanos, teem rompido abertamente conosco? Nenhum nos pôde ver. Nenhum. Mas pouquissimos se teem julgado auctorizados a romper abertamente conosco. Tantas e tão graves são as injurias que lhes teem arremessado! O mal não está nas injurias, que, geralmente não

existem, salvo para um ou outro que, reputando um bandido, não podemos, nem devemos, deixar de tratar como se tratam salteadores. O mal está em criticar, em censurar, em não concordar. Está em dizer o que sentimos. Está em não pertencer a uma facção contra outras facções. Fizessemos nós isso e já teriamos numerosissimos amigos. E já seriamos um homem de bem, um grande jornalista, um character para os da facção amiga, embora escrevessemos as ultimas infamias contra os da facção inimiga. Paiz em que os partidos são todos verdadeiras quadrilhas, o crime, o grande crime, é ter a pretensão de ser politico sem ser um quadrilheiro. E' dizer a verdade a gregos e troyanos, indistinctamente. Na politica portugueza não se consente, por fórma alguma, que a lingua sirva para dizer a verdade. Não. A lingua é para occultar, para desvirtuar, e não para exprimir o pensamento. A lingua é para mentir.

Bernardino, pois, desesperava. E, por uma coincidência curiosa, perdia a confiança nos seus processos exactamente no instante em que se nos afigurava que tinha sido exaggerada a nossa desconfiança n'elle. Quando o vimos pôr de parte o natural resentimento, que lhe haviam de causar as referencias que lhe fizemos no primeiro artigo que escrevemos contra Affonso Costa e contra o *Mundo*, para se dedicar á tarefa de tentar evitar um conflicto que lhe parecia perigoso, francamente, convencemo-nos de que Bernardino era sincero, de que o tinha sido sempre, e de que, portanto, se não eram injustas, porque o não eram, as nossas criticas aos seus actos de politico, era, pelo menos, injusta a desconfiança que sempre tinhamos alimentado sobre a sua sinceridade. Apareceu aos nossos olhos, de repente, como um bom, como aquillo que elle queria ser e que d'elle se dizia: como um santo. Fomos um parvo. Fomo-lo, parece-nos, a primeira vez na nossa vida. Mas, dados os factos que ficam referidos, era natural que o fossemos, e muitos outros cahiriam na ingenuidade em que cahimos. Apareceu aos nossos olhos como um bom, como um santo, e confiámos n'elle cegamente. Não podiamos deixar de sentir dentro em nós um grande azedume pelo embaraço em que, atravessando-se-nos no caminho, nos havia collocado. Mas que fazer, se eram tão santas as suas intenções?

E eram, acrescentam ainda alguns. Não falta ainda quem jure, n'esta altura, pela pureza das intenções de Bernardino Machado. Mas, se eram, como se explica que Bernardino Machado não constituisse o tribunal com a independencia indispensavel a um tribunal de honra? Como se explica que o directorio julgasse sem pedir provas, e sem ouvir, sequer, os individuos que julgava? Tudo demonstra que Bernardino Machado só tinha um fim, um unico: levar o directorio a considerar injustas as accusações dirigidas ao sr. Affonso Costa. Ora é admissivel que um santo faça isso? Um santo só quer o que é verdadeiro e o que é justo. Mandava a justiça que se considerassem injustas as accusações dirigidas ao sr. Affonso Costa? Mandaria. Não discutimos agora esse ponto. Mas depois das averiguações que a mesma justiça impõe. Quaes foram ellas?

Porque não queria Bernardino Machado que se tornasse publica a sua correspondencia com o juiz Veiga? Porque não queria Bernardino Machado que se dissesse que elle havia tomado o compromisso de mostrar a sentença ao ministro da guerra? Porque se agonia com isso a ponto de nos ameaçar? Sacrifica um homem a outro homem e ainda se mostra indignado porque a victima diz a verdade, em sua legitima defeza? Pois isto é de santo?

Não. E' de perfido.

Não ha duvida nenhuma, não a pôde haver, de que Bernardino Machado só se atravessou no nos-

atrasados que os povos da *raça negra*, das chamadas *castas inferiores*, sob o dominio da Inglaterra e dos Estados Unidos da America. Calcule-se qual será o grau de instrução dos habitantes das nossas possessões ultramarinas: Angola, Moçambique, India, Macau, etc, etc.

Depois do ultimo censo de 1900 terá melhorado a nossa instrução popular? Procuremos alguns elementos que sirvam de contraprova—á vergonhosa percentagem de analfabetos accusada pelas estatisticas da população.

No anno de 1904 entraram no corpo de marinheiros em Alcantara 382 recrutas, dos quizes sabiam ler e escrever apenas 49; illetrados 333 ou sejam 87%. Em novembro tambem de 1904 foram concedidos *passaportes*—pelo governo civil da Guarda a 344 emigrantes: 232 varões e 92 fêmeas. Apenas 84 varões e 2 fêmeas sabiam ler. Illetrados: nos varões 73%; nas fêmeas 98%.

Ainda no mesmo anno de 1904—n'uma associação de operarios da cidade de Beja: em 231 associados sabiam ler 17; eram analfabetos 214 ou 92,6%.

Em dezembro de 1905 pelo governo civil de Ponta Delgada foram dados *passaportes* a 180 emigrantes, dos quizes sabiam ler 19. Analfabetos 161 ou 89%.

Em janeiro de 1906 pelo governo civil do Funchal—tiraram *passaporte* 284 emigrantes. Sabiam ler 18; analfabetos 266 ou 93,6%. Não eram *macrobios nem recém-nascidos*. D'estes emigrantes em 194 varões—sabiam ler 15; analfabetos 179 ou 92,2%. Fêmeas—em 90 só 3 sabiam ler; 87 ou 96,6% eram illetrados. Continuando com algumas notas—*todos do anno de 1906*: em fevereiro—tiraram *passaporte* no governo civil de Ponta Delgada—586 emigrantes, dos quizes sabiam ler 57 e eram analfabetos 529 ou 90,2%. Nos varões, 300, sabiam ler 25; illetrados 275 ou 91,6%; fêmeas 286; illetrados 254 ou 88,8%.

No mez de março, pelo governo civil de Villa Real, tiraram *passaporte* 308 emigrantes, sabendo ler apenas 18. Analfabetos—290 ou 94%. Trata-se de adultos—na idade de trabalhar.

Ainda no mesmo mez de março—tiraram *passaporte* no governo civil de Ponta Delgada—S. Miguel—865 emigrantes, dos quizes 846 com destino aos Estados Unidos da America do Norte...?? Dos 865 sabiam ler—76; analfabetos 789 ou 91,2%. Do sexo masculino em 489 sabiam ler 35, analfabetos 454 ou 92,8%; do feminino, illetrados 335 ou 89%.

No mesmo mez pelo governo civil de Angra do Heroismo foram dados *passaportes* a 292 emigrantes—destinando-se 291 para os Estados Unidos da America do Norte...??—Varões 180—sabiam ler 31—analfabetos 149 ou 82,7%. Mulheres 112—sabiam ler 32; illetrados 80 ou 71,4%.

Em maio tiraram *passaporte* no Funchal 211 emigrantes—123 varões e 28 fêmeas. Dos primeiros sabiam ler 14; das segundas 9. Analfabetos 90%.

N'uma correspondencia publicada em o n.º 8:817 do «Seculo», de 13 de junho de 1906, diz-se que ao começar em Montes d'Alvar, Portimão, a 146.ª missão das Escolas moveis, requisitada pelos srs. Marcos Algarve, Ernesto Cabrita e Antonio Gloria—era de 95% a percentagem de analfabetos n'aquella povoação. Vê-se portanto que decorridos seis annos depois de organizado o censo de 1900 a percentagem de analfabetos é a mesma. A contraprova, como se vio, é esmagadora; fornece-a apenas a população adulta: emigrantes e recrutas—com exclusão de creanças e velhos. D'este modo os factos reaes confirmaram os dados estatisticos. Tornou-se enfadonha a demonstração; mas estava moralmente obrigado a fazel-a desde que venho, ha 30 annos, afirmando que somos o povo menos instruido da Europa. Precisava tambem confundir os miseraveis que se riam da minha *maluqueira*, accusando de exaggerados os meus clamores contra essa vergonha nacional: a chaga do analfabetismo.

Ha pouco um conferente, na Liga Naval, afirmou que em cada anno

emigram para o Brazil 30:000 portuguezes e que a nossa colonia n'aquella republica é de um milhão e meio de almas. Pelas provas que nos fornecem os *passaportes*—vê-se que n'aquella exportação de carne humana, 25:000 a 27:000 dos desgraçados emigrantes são analfabetos—que ali vão substituir, nos mais penosos trabalhos, a *raça negra* emancipada da escravidão. Aponta-se mais este facto para glorificação do regimen e, prova da alta mentalidade dos nossos dirigentes—decorridos já 73 annos de governo parlamentar...

Espero em breve voltar ao assumpto, que ainda não dou por concluido. No entanto os dois (?) leitores que me tiverem acompanhado n'esta *maçada* poderão entreter-se com os meus *inéditos* de 1895: «*Homenagem a João de Deus*», aqui publicados e que tambem fornecem alguns esclarecimentos... 18—IV—1907.

CASIMIRO FREIRE.

REFORMADO!

O conselho superior de disciplina do exercito, cometendo, de mãos dadas com Affonso Costa, Franca Borges, Bernardino Machado e quejandos, a mais affrontosa das iniquidades, acaba de cendernar a reforma o capitão Homem Christo.

Tal foi o premio que esse agente da monarchia, que esse vendido ao governo, na phrase de Affonso Costa e outros immaculados do partido republicano, recebeu como recompensa da sua traição!

Se algum homem tem sido victima n'este patz da infamia das infamias é o sr. Homem Christo. Infamia das infamias movida contra elle, por quem? Pelos republicanos!

Não commentamos hoje mais.

Os republicanos estiveram sempre promptos a armar-lhe a force. Os monarchicos sempre promptos a enforca-lo. E era elle o vendido a monarchia, o agente do governo!

E ficará para domingo o muito que temos a dizer sobre o assumpto.

Tem passado bastante incomodado de saude o sr. João Marques da Cunha, importante capitalista d'esta cidade.

Pedido justo

Uma comissão de officiaes de alfaiate, andaram ha dias por todos os estabelecimentos de alfaiateria, pedindo aos referidos proprietarios o augmento de salario nas obras a fazerem de futuro, visto muitas andarem relativamente mal pagas.

O pedido é justissimo, tanto mais quanto é certo que executavam obras que lhes impatava um dia inteiro, percebendo por esse serviço a modica quantia de trescentos reis, importancia insufficiente para alimentação d'uma só pessoa, se attendermos á carestia como tudo está, quanto mais para sustento d'uma familia que se tem de sujeitar ao ganho do operario.

Os proprietarios das alfaiaterias acharam o pedido razoavel, compromettendo-se a satisfazer tão justa como equitativa reclamação, pelo que se tornam dignos dos maiores encomios.

Por isso, os officiaes de alfaiate estão muito reconhecidos para com todos, pela fórma lhana e attenciosa como os receberam e da maneira agradavel como atenderam a sua justa petição.

Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença e Vianna do Castello, onde se repetem identicas percentagens de analfabetos, já falei no anterior artigo.

Districto de Villa Real, concelho de Mondim de Basto, freguezia de Villar de Ferreiros. Em 1.021 habitantes sabem ler 64. Analfabetos: sexo masculino 88,7%; feminino 97,4%. No concelho de Montalegre ha 4 freguezias onde nenhuma mulher sabe ler; 5 freguezias aonde em cada uma—só uma sabe;—e em 2—só duas—sabem ler.

Districto de Vizeu, concelho de Lamego, freguezia de Penude, 2:000 habitantes. Analfabetos: no sexo masculino 88 ou 90%; sexo feminino—997 ou 98,4%. No concelho de S. João da Pesqueira—*onde é natural o nobre Marquez de Soveral*—na freguezia de Valle de Figueira—os analfabetos, varões, são 87,3%, do sexo feminino 97,8%. No concelho de Vizeu, freguezia de Calde, com 1.471 habitantes, são analfabetos: do sexo masculino 642 ou 91%; sexo feminino—em 765—só uma saber ler;—764 ou 99,8% illetrados. N'este districto de Vizeu ha varias freguezias (só no concelho de S. Pedro do Sul, 3) onde todas as fêmeas são analfabetas.

Passando aos districtos dos Açores—note—ao contrario do que geralmente se supõe—que não é—allí—que ha maior numero de analfabetos. Tambem ao inverso do que se dá no continente, como ficou demonstrado, nos Açores—ha mais mulheres sabendo ler do que homens. Será influencia do ensino das congregações religiosas? Não o sei dizer. Em maior ou menor percentagem—em todas as povoações d'estes districtos ha quem saiba ler—o que não succede no continente.

Na ilha de S. Jorge, concelho de Calheta, sabem ler 996 mulheres e homens só 756.

Na ilha Terceira, concelho de Angra do Heroismo, sabem ler 3:898 mulheres; homens—só 3:056.

Ha algumas excepções. Na freguezia de Serreta (concelho de Angra) é que a percentagem de analfabetos—nos varões é de 89,6% e nas fêmeas de 97,8%.

Ilha do Fayal, districto de Horta. Sabem ler 4.164 mulheres e apenas 2:615 homens.

Na freguezia da Praia do Norte (Horta). Analfabetos: varões 87%; fêmeas 85,2%.

Ilha do Pico, freguezia de S. João. Analfabetos: varões 81,5%; fêmeas 88,5%.

Ilha de Santa Maria, freg. de Santa Barbara. Analfabetos: varões 91,7%; fêmeas 88,4%.

Ilha de S. Miguel, dist. e conc. de Ponta Delgada, freg. de Relva, 2:691 habitantes. Analfabetos do sexo masculino 1:207 ou 92,9%; do feminino 1:205 ou 92,9%.

Ilha da Madeira, dist. do Funchal, concelho de Calheta, freguezia de Fajã da Ovelha—2:579 habitantes. Analfabetos: varões 1.144 ou 86,2%; fêmeas 1:355 ou 99%.

Concelho do Funchal, freg. de S. Roque, 2:752 hab. Analfabetos: varões 1:163 ou 91,5%; fêmeas—1:391 ou 93,8%.

Concelho de Machico, freg. de Santo Antonio da Serra, 1:124 hab. Illetrados: varões 99%; fêmeas—100% (todos)!

No concelho de Ponta do Sol—em 19:019 habitantes ha apenas—325 varões e 202 fêmeas que sabem ler. São illetrados: no sexo masculino 96,4%; no feminino 97,7 97,7%. E no concelho de Santa Cruz, freg. de Santo Antonio da Serra (2.ª parte), em 769 hab. 380 varões, 98,7%—são analfabetos; fêmeas—sabem ler 3; 380 ou 99,2%—illetrados.

Como se vê os habitantes da ilha da Madeira, em instrução, rivalizam com os do continente... mais atrasados que os cafres do Cabo da Boa Esperança.

Pelo que foi dito no ultimo artigo e agora n'este, prova-se, em face da estatistica official, que não houve exaggero quando affirmei a nossa inferioridade em relação a todas as nações cultas; e que os habitantes de Portugal—continente e ilhas adjacentes—no seculo XX—pelo menos na instrução elemental—se acham mais

so caminho para nos sacrificar a uma creatura da sua facção.

De santo ou de perfido, o que fica provado, em todo o caso, é que esse homem é d'uma absoluta incapacidade para dirigir o partido republicano. E' que esse homem, que teve, e tem, a aspiração constante de ser o chefe exclusivo do partido republicano, em todos os seus actos vem demonstrando que só serve para chefe de facção. Não pôde estar á frente da democracia portugueza um homem que quer fazer tudo, que quer pensar tudo. Um homem que quer que se faça só o que elle faz, que quer que se pense só o que elle pensa. Que quer dispôr de todos os outros como quem dispõe das peças d'um jogo de xadrez. Que quer que todos se curvem deante d'elle, que todos o acatem, que todos se calam perante os seus defeitos ou os seus desacertos. Que santifica os que o seguem e exaltam, ainda que sejam os peores diabos do inferno, acobertando-se, para se justificar, com a sua *cordialidade*, a sua *piiedade*, a sua *humanidade*, e que põe em segundo plano, quando es não pôde fulminar, os que não estão dispostos, por melhores que sejam, a acatar a sua infallibilidade.

Um homem d'esses é um homem de egrejinhas, como se tem revelado. E' um bello chefe de facção. Ora onde ha egrejinhas não pôde haver democracia. Ora quem se mostra capaz de ser chefe de facção é absolutamente incapaz de ser chefe d'um partido democrata.

Esta é a verdade, que os acontecimentos d'estes ultimos nove mezes estrondosamente e desastrosamente tem confirmado, e na hora presente, veem confirmando. Teem-se accumulado, e por culpa d'esse homem, sobretudo, e da sua facção, desastres sobre desastres.

Esta é a verdade. Sem a querermos impôr a ninguem. Os republicanos que pensem d'outra forma, se quizerem, que nos é isso inteiramente indifferente.

Quanto ás ameaças do sr. dr. Bernardino Machado, diremos que só nos causam riso. Elle e os outros ensinaram-nos. Quando quizermos de futuro proceder como um criminoso, já sabemos a maneira facil e prompta de pôr o crime em execução.

E não hesitaremos. Com o desejo sincero, entretanto, de que não nos empurrem para lá.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Antonio Maria Ferreira acaba de metter um requerimento á camara municipal d'esta cidade, em nome de Manuel Caetano Valente, para fazer uma fossa na rua Direita de Sarrazola, a exemplo da camara de Lisboa, que só não auctorisca como obriga os senhores a fazel-a nas ruas que não tenham encanamento de exgoto.

A camara resolveu submitter o parecer ao sr. sub-delegado de saúde.

J. S.

Fallecimentos

Falleceu no sabbado ultimo, em Salreu, a sr.^a D. Maria Augusta de Castro, mãe dos srs. dr. José Luciano e Augusto de Castro Pires Corte Real e irmã dos srs. conselheiros José Luciano de Castro e Augusto de Castro.

Tambem n'esta cidade falleceu a sr.^a D. Maria Ernestina da Cunha Pereira, senhora de preclaras virtudes e d'uma educação muito distincta.

MISSA

Na proxima quinta-feira, 25 do corrente, reza-se uma missa na igreja da Misericordia, d'esta cidade, pelas 9 horas da manhã por alma do fallecido Alfredo Rangel de Quadros.

Aveiro, 20 de abril de 1907.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprae **OSMOND**.

HOMENAGEM

JOÃO DE DEUS

(Inédito de 1895)

VII

Agora que a data de 8 de março de 1895—na phrase do sr. dr. Theophilo Braga—ficará sendo a de uma *consagração nacional*—começam aquelles que haviam esquecido João de Deus a prestar-lhe a tardia homenagem.

O sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, glorioso auctor do poema *D. Jayme*, propoz João de Deus para socio *correspondente* da Academia Real das Sciencias. Mas já em 1878 o sr. Theophilo Braga nos dizia: «.....Se ha uma Academia que pretenda os que no seu seio julga terem sido prestantes ás letras, que o receba, para que nos livre da vergonha que macula o seculo que deixou morrer Camões ao desamparo.»

Os versos de João de Deus são conhecidos ha 40 annos e a 1.^a edição das «Flores do Campo» foi publicada em 1869; logo não podemos supôr que a nomeação de socio *correspondente* seja dada em premio ao poeta. Será tal recompensa feita ao pedagogo, ao educador da mocidade?

A «Cartilha Maternal» acha-se publicada ha 19 annos. A verdade é que João de Deus—para não se submitter ao «pedantismo das Academias» ou por outra qualquer razão—nunca apresentou o livro que lhe deveria servir para a candidatura a socio; hoje alguém o terá apresentado em seu nome e o poeta que,—depois da sua ultima doença—se encontra em completo estado de passividade e na mais apathica indifferença—aceitou aquella honrosa nomeação.

O sr. Thomaz Ribeiro, a quem admiramos, tem sido ministro já por mais d'uma vez e geriu, se não nos enganamos, os ministerios da Marinha, Justiça, Obras Publicas e em 1883 tinha a pasta do Reino e era, portanto, o chefe superior da instrução publica.

Em logar das serodias reparações que s. ex.^a agora faz, na Academia e na «Mala da Europa», do seu velho condiscipulo de Coimbra—não teria sido preferivel recordar qualquer resolução concernente á «Cartilha Maternal», que já em 1883 contava sete annos de existencia?...

Bem sabemos que na alta pedagogia e na alta burocracia tem-se a opinião de que um ministro não deve descer a occupar-se de assumptos do ensino elementar; mas s. ex.^a—um espirito superior—seja-nos permitido dizel-o—não podia escudar-se em taes opiniões.

Lamentamos sinceramente que o sr. dr. Thomaz Ribeiro, quando ministro do reino, em 1883, esquecesse o que se havia passado nas camaras—sessão de 9 de maio de 1879. Os deputados, srs. Pires de Lima, Rodrigues de Freitas, Henrique de Paula Medeiros, F. Gomes Teixeira, Osorio de Vasconcellos, A. Rocha Peixoto e Adriano Machado,—quatro d'estes professores de instrução superior, e dos que mais tem honrado a sua classe, o paiz e a sciencia,—apresentaram a seguinte proposta:

«Propomos que o governo seja auctorizado a gastar até á quantia de 6.000.000 reis:

- 1.º—Para que o methodo de João de Deus seja *authentica e oficialmente* ensinado na escola normal.
- 2.º—Para facilitar aos professores primarios a aprendizagem do methodo com o auctor ou com os seus *interpretes auctorizados*.
- 3.º—Para prover as escolas publicas com livros e objectos necessarios ao ensino por este methodo.»

Defendendo esta proposta—dos 6.000.000 reis—de resultados mais praticos—do que a votada em 1888—disse o nosso illustre e respeitavel correlligionario, sr. Rodrigues de Freitas, n'aquella memoravel sessão:

«Ainda ha pouco uma folha allemã severamente nos censurava por deixarmos passar sem solennes provas de respeito e veneração á memoria de Luiz de Camões o seu terceiro centenario; não celebrámos como nos cumpria talvez, mas ao menos contribuímos para que ainda mais se vul-

garise o methodo que facilitará ao povo o lér os livros escriptos na lingua d'esse poeta; este seria um dos melhores monumentos á sua memoria; serviria para que fossem mais conhecidas as grandezas da patria que Luiz de Camões cantou.»

Em 10 de dezembro, tambem de 1879, publicou o então ministro do reino, sr. Luciano de Castro, a portaria—nunca cumprida—para as experiencias com o methodo de João de Deus; e de 1876 a 1882—epoca da fundação da Associação das Escolas Moveis—a guerra á Cartilha, por parte do elemento official—pedagogico-burocratico—foi tão notoria que custa a crêr que o echo de tanta injuria não chegasse ao conhecimento do sr. T. Ribeiro—ministro do reino em 1883.

João de Deus nunca pediu que fosse decretado obrigatorio o seu systema de ensino. Elle escreveu: «A adopção, isto é a imposição do methodo a professores que não o comprehendem, não serviria senão de o desacreditar...» Neste sentido, parece-me que o meio do governo favorecer ou aproveitar um methodo que a critica estrangeira começa a levar em conta do nosso desenvolvimento litterario, seria tornal-o conhecido e applicavel, distribuindo cartilhas, offerecendo quadros, e antes de tudo ordenando a *iniciação do professorado na pratica genuina do systema, se elle merece a attenção do governo*» (Cart. e Apost., pag. 26 e 27. «Democracia» 2-4-78).

Creia o sr. conselheiro T. Ribeiro que muito louvada lhe seria qualquer resolução acerca da «Cartilha Maternal» pois que antes d'ella apparecer as cousas estavam como João de Deus as pinta: «*Methodos de leitura nunca houve*—salvo o respeito devido ás intenções generosas de alguns auctores, houve esboço, tentativas, ensaios mais ou menos instinctivos, mais ou menos materiaes, porém *nem em Portugal nem fóra de Portugal—nada scientifico, exacto, logico comprehensivel, racional, humano.*»

«Pois assim tem estado as cousas sempre, e como vê, por toda a parte, até que alguém *analysasse verdadeiramente a falta, e puzesse com ella em correspondencia a escripta.*»

«*Fizemol-nós! é immodesto, mas é verdade.*» (Veja-se «A Cartilha e a Critica», pag. 41 a 44—e «C. de Lisboa» de 7-2-79).

A proposito da proposta d'um vereador da extincta camara de Belem escreveu mais o auctor da *Cartilha Maternal*:

«Eu não solicitei taes propostas, mas acho-lhes toda a razão. A *propaganda official de um methodo tão favorecido da opinião publica é dever de todo o governo que avalie a immensa calamidade de um povo analphabeto como é o nosso, graças aos methodos predilectos dos meus adversarios...*» (Cartilha e a Critica, pag. 140 a 150 «Democracia», 17-6, 26-6 e 2-7-79).

Continuaremos.

Orimisac.

(1895)

Relatorio

Recebemos da florescente *Sociedade Recreio Artístico* d'esta cidade, o relatorio e contas da sua gerencia de 1906, por onde se vê que esta importante agremiação local tende cada vez mais a prosperar, pois que apresenta um saldo, a seu favor na importancia de 1:348\$755 reis, cujo resultado se deve á boa administração que tem tido, nas direcções zelosas que a tem gerido.

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, no Porto na Rua Sá da Bandeira 41, em Coimbra na Couraça dos Apostolos e Rua Ferreira Borges Papelaria Central.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete,

A "OSMOND,"

A INCOHERENCIA

Sob o titulo que nos serve de epigraphe, publicou o *Independente* o artigo que se segue:

«Estão realmente incompreensíveis os dirigentes do partido republicano!

O directorio do partido impediu que o sr. Homem Christo se desforçasse n'um duello das gravissimas injurias que lhe dirigiu o sr. Affonso Costa, por entender, como o sr. Bernardino Machado declarou, que o duello é contrario ás leis do paiz, e principalmente porque a sociedade moderna não está constituída sobre a lucta mas sobre o trabalho e o auxilio mutuo, e porque o *ponto de honra* não consiste em provar a nossa coragem physica n'um lance theatral, mas está para todos, civis e militares, no valor moral e no cumprimento do dever; por isso que a justiça de hoje não é a justiça sacrilegamente chamada de Deus, em cujo nome o duello representava na idade média a sentença divina!

E mais accrescentou o sr. Bernardino Machado que é esta a doutrina do nosso tempo, a *doutrina do partido republicano, e a que o seu directorio ultimamente applicou á pendencia jornalística entre o sr. Homem Christo e o sr. Affonso Costa.*

Posto isto, apparece o sr. Affonso Costa mandando desafiar o sr. Agostinho Fortes, um cavalheiro de altissimo valor intellectual e republicano, por uma questão doutrinaria, por um motivo futil que ficou esclarecido com duas palavras; d'onde o publico tem a concluir que o sr. Affonso Costa não aceita a doutrina do partido republicano e a do seu directorio do qual aliás faz parte, e que o jornal *O Mundo* que o apoia, é um discolo no mesmo partido, de modo que o partido republicano é hoje genuina e verdadeiramente representado na imprensa de Lisboa pelos jornaes *A Lucta* e a *Vanguarda*.

O grande philosopho allemão e pensador Max Nordau sustenta que o duello é a negação de todos os principios em que se acha estabelecida a nossa actual civilização, cumprindo ás sociedades modernas o dever de o repellar.

O jornal *O Mundo* não é portanto o jornal das idéas avançadas, e que corresponda ás aspirações da actual civilização, mas o representante dos dogmas e dos preconceitos da idade média.

Deve ser desconsolador um tal convencimento para quem tivesse acreditado que elle hasteava a bandeira do partido republicano!

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

15 de abril.—Sublevação popular no Minho chamada *Maria da Fonte*, 1846.

16 de abril.—São suprimidos os juizes eleitos, augmentadas as attribuições dos ordinarios e criam-se mais 30 comarcas novas, 1874.

17 de abril.—Villa Flôr, com o emprestimo contrahido na Terceira, prepara a expedição ás ilhas d'oeste, 1831.

18 de abril.—O congresso mexicano declara benemerito a Juarez, eleva-lhe um monumento, declara dia de festa nacional o do seu nascimento e de lucto o da sua morte e vota uma pensão annual de 3.000 dolars a cada uma das suas filhas solteiras, 1873.

19 de abril.—São assassina-dos em Lisboa milhares de judeus, 1506.

20 de abril.—Mousinho da Silveira decreta a sahida franca dos generos por todos do reino, inaugurando o grande principio da liberdade de commercio, 1832.

21 de abril.—Morre D. Izabel Maria, legando aos padres jesuitas inglezes todos os bens que havia podido apanhar ao paiz, 1876.

ASSASSINATO

Em a noite de domingo para segunda-feira ultima, foi a visinha povoação de S. Bernardo alarmada pela perpetração de um horroroso crime, commettido por um homem que até alli se tinha conduzido honestamente, mas que por pouco revelou os seus maus instinctos, dando a morte d'uma forma perversa e cobarde a um pobre chefe de familia que não deu motivo á mais pequena falta.

E é sempre a repugnante navalha a tragica que entra em acção, a arma sinistra dos fracos e dos covardes, dos maus e dos perversos.

Não ha memoria de que um homem educado tenha usado de esse terrivel e nojento instrumento para agredir o seu adversario, mesmo em sua legitima defeza, tal é a repugnancia que a ideia concebe d'essa terrivel arma.

Narremos.

Seriam umas 8 horas e meia da noite, encontrava-se Antonio Simões Claro, casado, da Moita da Oliveirinha, em companhia d'um seu filho, proximo a uma taberna no Marco, quando foi alvejado por uma pedra que partiu d'um grupo de quatro individuos que se achavam proximo. O Simões, não gostou da brincadeira e dirigiu-se ao grupo a perguntar-lhe qual era o motivo por que o apedrejavam. Da parte do referido grupo, fazia numero Antonio Nunes Carlos, o Galres, solteiro, de S. Bernardo, que não estando para dar satisfação ao Simões, puxou d'uma navalha sem que ninguem notasse, e acto continuo vibrou-a no baixo ventre do infeliz Simões, que só teve tempo de gritar que o Antonio Carlos o havia mata-do, cahindo em seguida no chão mortalmente ferido.

Em seguida, o assassino mais os companheiros fugiram, acudindo logo povo a soccorrer o desgraçado homem que já não dava signal de vida.

Dois dias depois, o assassino era preso nas Quintans, em casa d'um individuo que o occultou, que por esse motivo tambem foi preso.

Eis, pois, em resumidos traços, o fim tragico d'um pobre homem e os instinctos ferinos d'um malvado para quem todo o rigor da lei é pouco, dadas as circumstancias que levaram esse miseravel sem nome, a praticar tão nefando como odioso crime.

HORRIVEL MISERIA

E' tremenda a miseria por que está passando a China, sendo delorosos os pormenores dos estragos ali ocasionados pela fome. Acham-se na maior indigencia 10 milhões de habitantes. D'estes, tres milhões estão a ponto de succumbir. Morrem diariamente 5.000 pessoas. Familias inteiras apparecem mortas em suas casas. Pelas estradas, a cada passo, se encontram cadaveres. Os famintos arrancam as colheitas e ha desordem para se obter alimentos.

Manifesta-se a anthropophagia; abrem-se os tumulos para comer os mortos e os paes dão os filhos em troca de alimentos.

Que haverá de mais horrivel!!!

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicás, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca.* Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSÉ FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespassse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaisquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

AVEIRO NA RUA DIREITA

LEMBRANÇA

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

vem lembrar aos seus amigos e freguezes que não deixem de fazer as suas encomendas do costume dos Gabões feitos no seu estabelecimento, pois que são os mais bem acabados e mais baratos, tanto para os Gabões como para roupas.

Tem sempre um lindo sortido de fazendas.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Diagnostica do Porto
CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

RODO DE AVEIRO
— DO —
TYPOGRAPHIA

Achoa de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de plantastis, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150

Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000

Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000

Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150

Gula práctico e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

Arte de Escripção—cada caderno. 80

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500

A Cartilha Maternal e a Critica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700

Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.

Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.

Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO